

## GRANDE SERTÃO: VEREDAS DO RITMO NA CANÇÃO DE SIRUIZ<sup>1</sup>

### GRANDE SERTÃO: VEREDAS RHYTHM IN THE SONG OF SIRUIZ

Ederson Vertuan<sup>2</sup>  
Mestre em Letras  
Universidade Estadual de Londrina  
(edersonvert@hotmail.com)

Patrícia Josiane Tavares da Cunha Fuza<sup>3</sup>  
Mestre em Letras  
Universidade Estadual de Londrina  
(pjfuza@gmail.com)

**RESUMO:** O propósito desta investigação é analisar as unidades rítmicas (pés) dos versos da canção de Siruiz, de *Grande Sertão: Veredas*, determinar se há relação entre os ritmos dos versos e as imagens do poema e avaliar se há algum sentido a ser extraído do ritmo do poema e que complemente o sentido de suas imagens e de seus sons. Hipotetiza-se que o ritmo da canção de Siruiz contenha informações importantes que correspondam satisfatoriamente ao sentido expresso pelas imagens e pela sonoridade do poema, fato que contribuiria para uma maior compreensão desse importante poema presente em *Grande Sertão: Veredas*.

**Palavras-chave:** *Grande Sertão: Veredas*; Canção de Siruiz; Ritmo

**ABSTRACT:** The purpose of this investigation is to analyze the rhythmic units (feet) of the verses of the song of Siruiz, from *Grande Sertão: veredas*, determine if there is any relationship between the rhythm of the verses and the images of the poem, and evaluate if there is any meaning in the rhythm of the poem which might complement the meaning of its sounds and images. It is presumed that the rhythm of Siruiz song might contain important information, which satisfactorily matches the meaning expressed by the images and the sounds of the poem, a fact that would contribute to the comprehension of this important poem present in *Grande Sertão: Veredas*.

**Keywords:** *Grande Sertão: Veredas*; Siruiz song, Rhythm

1 Urubú é vila alta,  
2 mais idosa do sertão:  
3 padroeira, minha vida –  
4 vim de lá, volto mais não?...

5 Corro os dias nêsses verdes,  
6 meu boi môcho baetão:

---

<sup>1</sup> Os autores agradecem à Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar, do Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina, pelo entusiasmo e carinho com que recebeu, em sua disciplina *O Trágico na Literatura Brasileira*, os nossos trabalhos sobre *Grande Sertão: Veredas*, dos quais esse artigo é um dos frutos. Os autores também agradecem a CAPES pelo apoio que possibilitou a realização desse estudo.

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos Literários.

<sup>3</sup> Doutoranda em Estudos Literários.

7 burití – água azulada,  
 8 carnaúba – sal do chão...  
 9 Remanso de rio largo,  
 10 viola da solidão:  
 11 quando vou p'ra dar batalha,  
 12 convido meu coração...

Em **Grande Sertão: Veredas**<sup>4</sup>, de Guimarães Rosa, a canção de Siruiz é uma canção misteriosa entoada pelo desconhecido violeiro-jagunço Siruiz e que toca profundamente Riobaldo. No entanto, ainda que marcado por essa canção, Riobaldo usa a palavra “estúrdia” para se referir à impressão que a canção lhe causa. Riobaldo, mesmo sendo um professor-jagunço, não pode, ao certo, decifrá-la.

Muitos leitores de **GS:V** podem concordar com o protagonista. A canção de Siruiz não soa estranha apenas pela fragmentação temática de seus versos: ela também subverte as características estilísticas e formais típicas de canções campesinas que privilegiam a musicalidade dos versos em redondilha maior (sete sílabas) com acentos tônicos regulares de terceira e sétima (1234567) — com alguma variação desse padrão — e um esquema variado de rimas, capaz de emprestar mais cor e dinâmica à sonoridade da composição. Na verdade, poucas dessas características estão presentes na composição “sertaneja” de Siruiz, à exceção da métrica em redondilha maior. E não é só isso: da canção também estão ausentes a singeleza e a objetividade típicas das poesias sertanejas, que falam, diretamente, ao homem simples do campo. O que está presente na canção, pelo contrário, é a sugestão, o discurso indireto das imagens, um discurso culto e enigmático típico de poemas da estética Simbolista.

O propósito desta investigação é analisar as unidades rítmicas (pés) da canção de Siruiz, de **Grande Sertão: Veredas**, determinar se há relação entre os ritmos dos versos e as imagens do poema e avaliar se há algum sentido a ser extraído do ritmo do poema e que complemente o sentido de suas imagens e de seus sons. Hipotetiza-se que o ritmo da canção de Siruiz contenha informações importantes que correspondam satisfatoriamente ao sentido expresso pelas imagens e pela sonoridade do poema, fato que contribuiria para a compreensão desse importante poema presente em **Grande Sertão: Veredas**.

---

<sup>4</sup> De agora em diante, GS:V.

**Siruiz** é um nome expressivo em **GS:V**. Nome de jagunço violeiro e, depois, o nome que Riobaldo dá ao cavalo que recebe de presente após se tornar o chefe Urutu Branco, símbolo de seu novo poder, o nome Siruiz (assim como a canção) acaba por estar quase sempre presente nos monólogos interiores de Riobaldo ao longo do romance. O nome, por si só, é sugestivo. Uma simples divisão parece desvendar algo das possibilidades de sugestão de significados que o nome consegue produzir:

<b>Siruiz</b> (SIR + RUIZ)	
<i>Sir</i>	<b>“Cavaleiro”</b>
<b>Ruiz</b>	<b>“Filho de Rui”</b>

#### Divisão do nome “Siruiz”

Dada a sua presença e importância em *GS:V*, é muito provável que o nome Siruiz não tenha sido criado ao acaso por Guimarães Rosa. “Ruiz” significa “o filho de Rui”. “Rui”, por sua vez, é forma familiar de “Rodrigo”, forma espanhola de “Roderick”: “famoso pela glória”, “rei famoso”, “príncipe famoso”, “o poderoso príncipe”, “líder famoso” ou “poder-potência famosa”. Uma maneira de se entender o nome “Siruiz” seria, portanto, “cavaleiro filho do rei famoso”. De acordo com essa interpretação, o rei mencionado corresponderia a Joca Ramiro; e Siruiz seria seu filho.<sup>5</sup> Outra forma de interpretar o nome de Siruiz seria a de considerá-lo como significando “filho de Deus”, uma espécie de anjo da anunciação do destino de Riobaldo.

Dada a qualidade sugestiva do nome Siruiz, bem como do discurso indireto da canção mencionado anteriormente e que a aproxima de poemas típicos da estética Simbolista, a atenção à musicalidade — um dos elementos de maior

<sup>5</sup> Não se trata, aqui, de estabelecer uma verdade absoluta acerca do nome de Siruiz; mas, apenas, de sugerir uma possibilidade de interpretação.

destaque nesta escola — de seus versos pode não ser improdutivo. Justifica-se, assim, o estudo do ritmo dos versos de Siruiz e a busca de sentidos possivelmente ainda pouco explorados presentes nele.

### O ritmo na canção de Siruiz

Para a visualização do ritmo da canção, devem-se ler os versos da primeira coluna e repeti-los mentalmente ou em voz alta com os olhos fixos na segunda coluna, onde estão representadas as sílabas átonas ( \_\_ ) e tônicas ( / ) de cada verso. A terceira coluna nomeia cada pé presente em cada verso, na sequência em que neles aparecem.

1 Urubú é vila alta,	__ __ / __ / __ /	<b>Anapesto; lambo; lambo.</b>
2 mais idosa do sertão:	/ __ / __ __ __ /	<b>Crético; Peônio quarto.</b>
3 padroeira, minha vida –	__ __ / __ / __ /	<b>Anapesto; lambo; lambo.</b>
4 vim de lá, volto mais não?...	/ __ // __ __ /	<b>Crético; Coriambo.</b>
5 Corro os dias nesses verdes,	/ __ / __ / __ /	<b>Crético; lambo; lambo.</b>
6 meu boi môcho baetão:	/ / / __ / __ /	<b>Molosso; lambo; lambo.</b>
7 burití – água azulada,	__ __ // __ __ /	<b>Anapesto; Coriambo.</b>
8 carnaúba – sal do chão...	__ __ / __ / __ /	<b>Anapesto; lambo; lambo.</b>

9 Remanso de rio largo,	__ / __ __ / __ /	<b>lambo; Díbraco; Crético.</b>
10 viola da solidão:	__ / __ __ __ __ /	<b>lambo; Tríbraco; lambo.</b>
11 quando vou p'ra dar batalha,	__ __ / __ / __ /	<b>Anapesto; lambo; lambo.</b>
12 convido meu coração...	__ / __ __ __ __ /	<b>lambo; Tríbraco; lambo.</b>

#### Visualização rítmica através dos pés

Um exame simples; porém, significativo no que respeita ao estudo do ritmo consiste em fazer a contagem de todos os pés presentes no poema a fim de se tentar descobrir algum dado que possa complementar a tentativa de interpretação do poema. O quadro a seguir mostra a quantidade de cada tipo de pé nele presente:

17	<b>lambos</b>
5	<b>Anapestos</b>
4	<b>Créticos</b>
2	<b>Coriambos</b>
2	<b>Tríbracos</b>
1	<b>Peônio quarto</b>
1	<b>Molosso</b>
1	<b>Díbraco</b>

### Quantidade de pés presentes no poema de Siruiz

Com relação a outros tipos de pés, a maior quantidade de iampos (17) é evidente, sendo o ritmo iâmbico o mais comum dentro do poema. Em comparação com o número de iampos, a quantidade de outros tipos de pés é baixa, como anapestos (5), coriambos (2), tríbraco, ou molosso (1). É quando se somam todos os demais pés, no entanto, excetuando-se os iampos, que um importante dado surge: há 16 pés de tipos variados contrastando com 17 iampos. Isso significa equilíbrio rítmico no poema. Mais ainda: que o poema foi ritmicamente concebido de modo cuidadoso.

### Ritmo: primeira estrofe

<b>1 Urubú é vila alta,</b>  verso normal	__ __ / __ / __ /  a-lta  3 5 7	<b>Anapesto; lambo; lambo.</b>
<b>2 mais idosa do sertão:</b>  Verso de pé quebrado	/ __ / __ __ __ /  ser-tão	<b>Crético; Peônio quarto.</b>
<b>3 padroeira, minha vida –</b>  verso normal	__ __ / __ / __ /  nha-vida  3 5 7	<b>Anapesto; lambo; lambo.</b>
<b>4 vim de lá, volto mais não?...</b>  verso de pé quebrado	/ __ // __ __ /  mais não	<b>Crético; Coriambo.</b>

### Primeira estrofe

A primeira estrofe apresenta dois versos normais e dois versos de pé quebrado. Versos quebrados são aqueles em que a tônica recai sobre a primeira ou a sexta sílabas, modificando (quebrando) o ritmo do verso de sete sílabas. Enquanto redondilhas maiores com tônicas 2, 4, 7; 2, 5, 7; 3, 5, 7; 4, 7 ou 3, 7 possuem uma cadência musical e agradável, os versos quebrados soam “desagradáveis”,

dissonantes, irregulares e tensos. A presença de versos de pé quebrado na primeira estrofe significa que há, nessa quadra, alternância rítmica: ritmia com arritmia, regularidade e irregularidade, tensão e relaxamento. No exemplo a seguir, as tônicas de primeira e de sexta sílabas dos versos de pé quebrado (ou mancos, como também são conhecidos) estão em negrito para melhor visualização:

1 Urubú é vila alta,  
 2 **mais** idosa do sertão:  
 3 padroeira, minha vida –  
 4 **vim** de lá, volto **mais** não?...

No poema de Siruiz, os versos mancos (de pé quebrado) seguem, ritmicamente, na contramão dos versos normais, como se sugerissem a ideia de contrariedade correspondente à noção de "vim de lá, volto mais não". Ritmicamente, a estrofe sugere equilíbrio entre tensão e relaxamento, ou **ida e vinda**. Observe-se a sugestão do **contrário** no próprio desenho dos ritmos dos pés de "[...] de lá, volto [...]”, que seria: \_\_ / / \_\_ .

Estas subversões rítmicas conseguidas através dos versos mancos contribuem para tornar a canção de Siruiz uma canção incomum. As acentuações iniciais dos versos 2 e 4 quebram a fluidez típica desse metro popular (redondilha maior). Por seguirem na contramão das redondilhas tradicionais, esses versos mancos sugerem ideias de arritmia, volubilidade, ou de certos desvios e trânsitos entre o correto e o incorreto, entre dois lados, e, até mesmo, entre bem e mal. Não seria o caso de se pensar nos desvios de ordem sexual e que angustiam Riobaldo ao longo de quase todo o livro? A análise rítmica dos versos da canção revela o quanto a composição de Siruiz pode estar imbuída dos principais temas do romance.

De acordo com Roncari (2001), a “vila do urubú” (**Urubu é vila alta**) consiste em uma paródia e uma metáfora do tema inicial da Divina Comédia: "No meio do caminho de nossa vida / Encontrei-me numa selva obscura / Que a estrada reta fora perdida."<sup>6</sup> Assim, para o estudioso, “vila do urubu” representa uma metáfora da metáfora **selva obscura**, sendo “selva” um símbolo para vida terrena. O primeiro verso sugere que a canção se propõe a narrar a própria vida de Riobaldo e a

---

<sup>6</sup> "Nel mezzo del cammin di nostra vita / Mi ritrovai per una selva oscura / Che la diritta via era smarrita".

maneira com que ele se sente ao meio da estória: como quem havia perdido a estrada **reta**.

<b>Selva</b>	torna-se	<b>Vila</b>	=	<b>vida terrena</b>
<b>Oscura</b>	torna-se	<b>Urubu</b>	=	<b>escura</b>
<b>Vila do urubu</b>	torna-se	<b>vida terrena sombria (misteriosa)</b>		

**Quadro da interpretação de Roncari (2001) acerca da primeira estrofe da canção de Siruiz**

De acordo com Roncari (2001), os versos 2 e 3 (**mais idosa do sertão: / padroeira, minha vida –**) mostram que a “vila do urubu” detém o governo da vida de Riobaldo, como sugerem os fragmentos “vila alta, / mais idosa do sertão: / padroeira, minha vida”. Nesse sentido, a “vila do urubu” (ou seja, a “selva escura”, a vida sombria, misteriosa) é que passa a comandar o destino de Riobaldo desde que ele nela se adentra, após se perder da estrada correta. Por conta desse desvio, sua vida passa a ser sombria. Riobaldo não tem escolha a não ser seguir os desafios que essa selva labiríntica lhe proporciona. Esses versos tratam da impotência de Riobaldo diante do que ocorre em seu destino e mostram o quão limitado é seu poder de decisão no que respeita aos rumos de sua vida tenebrosa.<sup>7</sup>

Roncari (2001) pouco comenta sobre (**vim de lá, volto mais não?...**); mas, a metáfora *selva oscura* ainda pode oferecer uma possibilidade satisfatória de interpretação para esse verso 4. Tal metáfora sugere que Riobaldo tenha se originado de um desvio no meio do caminho (*nel mezzo del cammin*) e de uma travessia assustadora (o momento em que conhece Reinaldo/Diadorim). Riobaldo questiona a si próprio sobre voltar ou não a essa travessia novamente, como faz a certa altura do livro: “Não voltei? Travessias” (ROSA, 2001, p. 325). Riobaldo,

<sup>7</sup> Outra possibilidade de interpretação para os quatro primeiros versos do poema pode surgir da comparação entre eles e passagens que os recuperam quase totalmente, como: “Urubú? Um lugar, um baiano lugar, com as ruas e as igrejas, antiquíssimo — para morarem famílias de gente [...]. Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. [...] Sertão é dentro da gente. [...] Mas minha padroeira é a Virgem, por orvalho. Minha vida teve meio-do-caminho? [...] Saí, vim, destes meus gerais: voltei com Diadorim. Não voltei? Travessias...” (ROSA, 2001, p. 325).



supostamente idoso, já está fora da vida em “selvas sombrias” no momento em que narra sua estória a seu anônimo interlocutor. Mas ele retorna às selvas sombrias e à “vila do urubu” por meio dessa mesma narração, ela própria profetizada nesse verso; narração que é feita de modo tão fragmentado e não linear quanto a canção de Siruiz o é: o tema da primeira estrofe concentra-se no Riobaldo ex-jagunço, enquanto o da segunda, no Riobaldo jovem.

Em sua primeira estrofe, os versos da canção de Siruiz assumem caminhos rítmicos tortuosos, especialmente através de seus pés mancões. Estes mostram a condição extraviada de Riobaldo, fora da estrada correta.<sup>8</sup> A canção pode até mesmo prenunciar o **desvio** de ordem sexual que será uma das causas do conflito interior de Riobaldo ao longo do livro.

Embora a canção de Siruiz tenha como base uma métrica tradicional simples, a sertaneja, ela pouco tem de popular. A referência a Dante Alighieri é exemplo disso. Essa “estranheza” da canção pode explicar porque Riobaldo é o único jagunço capaz de enxergar beleza nos versos, que, de fato, não eram populares entre seus demais companheiros. Parece difícil considerar a canção de Siruiz uma canção sertaneja comum, assim como Riobaldo e sua sina não o foram.

### Ritmo: segunda estrofe

5 Corro os dias nêsses verdes, verso manco	/ __ / __ / __ /	Crético; lambo; lambo.
6 meu boi môcho baetão: verso manco	/ / / __ / __ /	Molosso; lambo; lambo.
7 burití – água azulada,	__ __ // __ __ /	Anapesto; Coriambo.
8 carnaúba – sal do chão...	__ __ / __ / __ /	Anapesto; lambo; lambo.

### Segunda estrofe

<sup>8</sup> De acordo com informação verbal prestada pela Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar, o fato de um indivíduo ser manco dificulta a caminhada retilínea desse mesmo indivíduo. Trata-se de uma observação corrente em estudos sobre a figura de Édipo, o “de pé inchado”, e que traz em seu físico a marca e a profecia de seu destino tortuoso. Justifica-se, assim, o estudo do trágico em GS:V.

A segunda estrofe se compõe de dois versos normais e dois versos quebrados. Os versos mancos 5 e 6 (**Corro os dias nêsses verdes, / meu boi môcho baetão:**) estão emparelhados.<sup>9</sup> Esses dois versos quebrados, de recitação ritmicamente difícil (dura) e bem marcada, sugerem circunstâncias difíceis e repetitivas, ideia que corresponde a "corro os dias [...]": uma ideia de rotina. Os versos 7 e 8 são normais, mas com variações de pé: o coriambo funciona como um espelho do anapesto que o antecede, correspondendo à ideia de reflexo do buriti na água:  $\_ \_ // \_ \_$  (buriti – água azu[...]). A segunda estrofe do poema, portanto, pode ser considerada uma estrofe de difícil declamação devido a seus imprevistos rítmicos. Por ser a estrofe intermediária do poema, pode sugerir uma "passagem" (travessia) difícil.

Ao comentar o verso 5 (**Corro os dias nêsses verdes**), Roncari (2001) afirma que "verdes" referenciam os olhos verdes de Diadorim — "Diadorim, os rios verdes" (ROSA, 2001, p. 325). Nesse caso, é possível que o verso 6 (**meu boi môcho baetão:**) seja um complemento do verso anterior. Um boi mocho é um boi desarmado e, conseqüentemente, sem poder e direção. Os olhos verdes de Diadorim são olhos frente aos quais Riobaldo se comporta como um "boi môcho baetão", isto é, como um indivíduo confuso e sem qualquer poder para enfrentar as provações que, segundo Roncari (2001), o desafiavam: a) o Hermógenes, a quem odiava; b) o amor de Diadorim, que o ameaçava. Pode-se explicar, dessa forma, o emparelhamento dos versos mancos 5 e 6: a) como uma ênfase à ideia da condição do ser que, por muito tempo, se encontra perdido; b) como uma sugestão da proximidade tensa entre Riobaldo e Diadorim; c) como expressão da falta de rumo da relação entre os dois e de qualquer controle de Riobaldo sobre essa mesma relação.

Os versos 7 e 8 (**burití – água azulada, / carnaúba – sal do chão...**) trazem as imagens de duas árvores. No contexto em que vivem, buriti e carnaúba são consideradas duas árvores protetoras. De acordo com Roncari (2001, p. 5), Riobaldo só pode rezar e apelar para proteção de árvores "tutelares" como o buriti e a carnaúba. O verso 7 trata do "buriti que [sobe] ao céu mas não se [afasta] das suas águas, para nelas se refletir: 'Burití quer tudo azul, e não se aparta de sua água - carece de espelho' / 'Um burití, tetéia enorme'" (RONCARI, 2001, p. 5). A palavra

<sup>9</sup> Uma possibilidade de interpretação desse emparelhamento ocorre no parágrafo seguinte.

“tetéia” vem de “Tétis”, a mais bela das Nereidas e ideal de beleza feminina. A escolha vocabular sugestiva compara esta árvore à beleza e propriedades consoladoras e protetoras de uma bela mulher divinizada, uma ninfa.

O verso 8, sobre o qual Roncari (2001) pouco comenta, é notável pelo uso simbólico dessas duas árvores (carnaúba e buriti). A carnaúba é conhecida como **árvore da vida**, pois é totalmente aproveitável, dos frutos às raízes. O buriti tem essa mesma propriedade, além de possuir relação estreita com a água: é a árvore que indica a existência de água no local onde vive e que tipicamente emoldura as veredas. Seu fruto é nutritivo e seu óleo possui propriedades cicatrizantes. No verso 8, o buriti vem seguido da expressão “água azulada” — o que marca sua relação metafórica com a água, símbolo da vida — e a carnaúba vem seguida de “sal do chão”. Há a possibilidade de que essa expressão constitua uma referência a Mateus, 3, 13, em que os evangelizadores são chamados de “sal da terra” por Jesus Cristo. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2002), o porta voz de Cristo, assim como o sal, é protetor contra a corrosão e a corrupção. A carnaúba vem a ser, metaforicamente, a protetora contra a corrosão da vida. O buriti, por suas propriedades e sua relação com a água, passa a ser, como esta, também um símbolo de vida, de manutenção de vida. O fato de os versos 7 e 8 serem ritmicamente mais musicais e agradáveis<sup>10</sup> é apropriado a estas imagens positivas que ambos contém.

### Ritmo: terceira estrofe

9 Remanso de rio largo,	__ / __ __ / __ /	<b>lambo; Díbraco; Crético.</b>
10 viola da solidão:	__ / __ __ __ __ /	<b>lambo; Tríbraco; lambo.</b>

<sup>10</sup> O verso 7, “burití — água azulada,” não deve ser considerado um verso musical. Na verdade, ele é um verso musicalmente defeituoso, pois apresenta uma tônica imediatamente após um acento rítmico. Trata-se de um caso do chamado **verso frouxo**, caracterizado, entre outros, por acentos que ocorrem antes ou depois de acento rítmico e por sucessão de átonas. Versos frouxos são versos arrastados e sem energia. No entanto, o verso 7 ainda é mais “musical” se comparado ao verso que o antecede, “meu boi mocho baetão:”, que é um **verso duro** (de difícil pronúncia), considerado um tipo de **verso dissonante** (de sonoridade desagradável). Tanto os versos dissonantes quanto os versos frouxos representam vícios contra a musicalidade pura ou melodia do verso.

11 quando vou p'ra dar batalha,	__ __ / __ / __ /	Anapesto; lambo.                      lambo;
12 convido meu coração...	__ / __ __ __ __ /	lambo; Tríbraco; lambo.

### Terceira estrofe

Ritmicamente, o verso 9 (**Remanso de rio largo**,) é um verso alongado e com espaços vazios, como mostra o efeito causado pela sucessão do iambo por um díbraco em “remanso de ri [...]”: ( \_\_ / \_\_ \_\_ / ). Sua tônica inicial é atenuada pelo som nasal (**remanso**), que contribui, juntamente com as átonas do díbraco, para “alongar” o verso e tornar melancólica a sua sonoridade. O “l” de “largo” evoca liquidez e está associado às mesmas ideias de melancolia (choro). Esse verso, que possui as características de um verso frouxo — um verso arrastado e sem vigor —, sugere ritmicamente a ideia de “remanso” através de sua sonoridade lenta, atônica e melancólica.

O verso 10 (**viola da solidão**) não difere do anterior, com muitos espaços vazios (combinação iambo, tríbraco, iambo: \_\_ / \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ / ), sem tônicas marcadas. Também apresenta um som nasal (**solidão**) e duas consoantes líquidas “l” (**viola**, **solidão**). No verso 11 (**quando vou p'ra dar batalha**,), o anapesto de “quando vou [...]” traz o galope típico de movimentos bélicos, correspondendo ao tema da batalha. Mesmo assim, o verso ainda apresenta um melancólico e atenuante som nasal (**quando**). O verso 12 (**convido meu coração**...) apresenta sons nasais como os anteriores (“**convido**” e “**coração**”) e espaços vazios marcados por meio da sucessão do tríbraco por um iambo ([...]do meu coração...): \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ / . Os versos 10 e 12 são, ambos, versos frouxos.

Essa terceira e última estrofe da canção de Siruiz é a que mais difere de suas duas primeiras. É a mais melancólica e crítica de todas. Todos os versos dessa última estrofe possuem ao menos um som nasal que alonga e suaviza suas pronúncias, ao mesmo tempo em que sugerem calma, repouso, fraqueza, melancolia ou mesmo tristeza profunda.

De acordo com Roncari (2001, p. 6, itálicos do autor), Riobaldo, na última estrofe, “como num espelho, ele encontra o retrato de si: ‘*Remanso de rio largo*’, que é o seu nome e o seu destino: Riobaldo, rio largo de planície, de leito raso, meandroso, sem muito rumo e traçado definidos”. Um rio meandroso é um rio cheio de curvas, serpenteante, que “pula” de um lado para outro; que muda de forma e posição pela erosão de suas margens. Esse tipo de rio é conhecido como **meandro divagante**. A estrofe trata, exclusivamente, de Riobaldo.

O poema de Siruiz fala do destino errante de Riobaldo desde que ele saiu da estrada correta até o final de sua vida. Riobaldo é tão inconstante e sujeito ao acaso como um meandro. E, tal como um meandro, Riobaldo se transforma, muda de posição a todo momento. Seu nome sinaliza essa condição. “Rio” combina-se com “baldo”, adjetivo que significa “desprovido (de alguma coisa)”, “carente” e “falho”. Riobaldo é um rio sem direção nem poder, um meandro divagante, cheio de falhas (por suas erosões e curvas) e desprovido de rumo certo (porque inconstante). Isso pode explicar a existência dos muitos versos mancos (falhos) no poema: uma referência à carência de rumo certo na vida de Riobaldo; a suas andanças pelo meio de uma selva escura inexplorada; e ao próprio Riobaldo, indivíduo “manco”, sem rumo certo.<sup>11</sup> De acordo com Roncari (2001, p. 6-7), o verso 10, **viola da solidão**,

É o canto e a expressão de si mesmo e que está nas suas tentativas de versejar, desde que ouviu a canção do Siruiz; [são] os versos que fez de si, líricos, como expressão do eu, foram uma espécie de lamento-confissão, mas que não cantou para ninguém. Os dois últimos versos [**quando vou p’ra dar batalha, / convido meu coração...**] falam do que guiava a sua vida e de sua natureza cordial, coração, em última instância, de alguém que ainda não tinha se formado nem amadurecido para escolher conscientemente e por vontade própria, pelo intelecto, o seu destino.

Parece vir daí a justificativa para os muitos espaços vazios e som nasal marcado do verso **viola da solidão**: seu vazio rítmico sugere a solidão de Riobaldo — que não cantou para ninguém a expressão de si mesmo — e seu som nasal evoca a melancolia desse estado de isolamento. Trata-se do emprego apropriado de um verso frouxo, que expressa lentidão, falta de energia. Os dois sons nasais de **convido meu coração** (“con” e “ão”), bem como a, também, referida ausência de

<sup>11</sup> Tal qual o trágico Édipo, o “de pé inchado”.

silabas tônicas marcantes ( \_\_ / \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ /), sugerem a própria emotividade e ausência de ritmo certo (de destino) na marcha da vida de Riobaldo, que se deixa comandar apenas pelo sentimento, por seu coração. Riobaldo, seguidor do coração, é inconstante como um meandro.

### As rimas da Canção de Siruiz

O esquema de rimas da canção de Siruiz é ABCB, interpoladas. Há uma rima que se repete ao longo de todo o poema, “-ão”. Trata-se de uma repetição de um tema sonoro e das ideias associadas e ele, como alongamento e melancolia.

-ão	
<b>1) Ditongo</b>	Dois sons em uma só emissão de ar.
<b>2) Ditongo Nasal</b>	Vogais nasais são as vogais pronunciadas em que uma parte do ar usado para a pronúncia escapa pela cavidade nasal.

#### Considerações sobre a escolha da rima temática da canção de Siruiz

Segundo Martins (1997), a ressonância nasal faz com que as vogais exprimam sons: a) velados (coberto com véu; oculto, escondido, encoberto; voz velada: que não tem timbre puro); e b) prolongados (os quais sugerem distância, lentidão, moleza, melancolia). O ditongo “-ão” é formado por “a” e por “o”. Segundo Martins (1997) “a” é vogal que está relacionada a sons fortes e nítidos. Ela expressa, portanto, força e ideias de claridade, alegria. Contudo, no caso da rima que se repete na canção de Siruiz, o anasalamento enfraquece o “a” e tira sua nitidez. O resultado, dessa forma, é um fenômeno de anasalamento do “a”, que torna o que é forte em retraído, melancólico. Uma sonoridade nasal não é nítida, mas difusa, em que as fronteiras entre os sons de “a” e “o” se fundem. Há uma sugestão de fusão. O ditongo “-ão” parece sugerir o número 2: dois sons em uma única emissão de voz; dois elementos e um único sopro de vida. Seriam Riobaldo e Diadorim em um único sopro de vida, destino e amor?

A vogal “a”, ao ser anasalada e perder sua conotação positiva, pode consistir em uma metáfora sonora para representar Riobaldo enquanto indivíduo forte, mas melancólico; ou melancólico, com uma fortaleza oculta. Ambas as ideias, no entanto, apontam para Riobaldo. Enquanto o “a” anasalado o representa, o “o” evoca Diadorim.

### **Tipos e quantidade de versos na canção de Siruiz**

A canção de Siruiz apresenta versos agudos e versos graves. O verso grave é considerado um verso feminino, pela chamada fêmea postônica, conhecida como "rabo de saia". Um exemplo seria o verso terminado com o vocábulo "alta" (-/\_\_), ou seja um, troqueu. Um verso agudo, por sua vez, é considerado masculino, oxítono, como um verso terminado com "sertão", (\_\_/), um iambo. A canção de Siruiz alterna versos femininos e masculinos. O poema apresenta 6 versos masculinos e 6 versos femininos. Basta contar os versos em negrito e os demais para melhor visualização:

**1 Urubú é vila alta,**  
1 mais idosa do sertão:  
**2 padroeira, minha vida –**  
2 vim de lá, volto mais não?...

**3 Corro os dias nêsses verdes,**  
3 meu boi môcho baetão:  
**4 burití – água azulada,**  
4 carnaúba – sal do chão...

**5 Remanso de rio largo,**  
5 viola da solidão:  
**6 quando vou p’ra dar batalha,**  
6 convido meu coração...

Se se pensar num plano simbólico, a combinação de seis versos masculinos e seis versos femininos totaliza o número 12 (12 versos), o número de uma realização, de um ciclo concluído. Parece haver uma sugestão de união entre o princípio masculino e o feminino e que fica mais clara quando se observa a simbologia numérica na canção de Siruiz. No que respeita à canção, é difícil

considerar seus números de versos como absolutos, pois, entre edições como as de 1986 e 2001, a canção aparece com quantidade de versos diferente. No entanto, nada impede a formulação de uma hipótese interpretativa, em especial após a consideração de alguns itens como os expostos no quando a seguir:

<b>A canção de Siruiz apresenta:</b>	
<b>3</b>	<b>quadras</b>
<b>12</b>	<b>versos</b>
<b>7</b>	<b>sílabas métricas (redondilha maior)</b>

**Número de versos, quadras e sílabas métricas na canção de Siruiz**

Todos esses números (3, 12 e 7) são universalmente conhecidos por representarem significados simbólicos variados e ocultos. Mas o que todos eles tem em comum é o fato de estarem tradicionalmente associados à ideia de **totalidade**:

<b>3</b>	<b>Considerado expressão da totalidade, da conclusão, de perfeição. Também equivale à superação da rivalidade (o número dois); exprime um mistério de ultrapassagem, de síntese, de reunião, de união, de resolução.</b>
<b>12</b>	<b>É sempre o número de uma realização, de um ciclo concluído.</b>
<b>7</b>	<b>Simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica. É símbolo universal de uma totalidade, mas de uma totalidade em movimento.</b>

**A simbologia dos números 3, 12 e 7, com base em Chevalier e Gheerbrant (2002)**



Os números de versos, de quadra e de sílabas da canção de Siruiz estão todos associados à ideia e à sugestão do cumprimento de um ciclo, ou de uma profecia: a sina de Riobaldo. Mas também podem significar, ao lado da presença de versos masculinos e femininos, a sugestão da “união” amorosa entre Riobaldo e Diadorim, do poder transformador e revolucionário do amor.

### **A canção de Siruiz dentro de GS:V**

Depois que sua mãe morre, Riobaldo se instala na casa do padrinho Selorico Mendes, onde se impressiona com a chegada de Joca Ramiro e seu bando e com canção que ouve de Siruiz, de madrugada. A canção de Siruiz parece despertar algo dormente em seu coração. Os versos do jagunço violeiro são enigmas que o intrigam durante toda a jornada jagunça e parecem constituir-lhe uma espécie de mote ou lema.<sup>12</sup>

Com base em Roncari (2001), há cinco itens que mostram o relacionamento de Riobaldo com a canção, após tê-la ouvido pela primeira vez: 1) Era entre os combates que travavam com o bando de Zé Bebelo, nas horas de remanso, mas de “nervosias”, que Riobaldo se lembrava da canção de Siruiz; 2) Riobaldo pedia a um jagunço chamado Luzié para cantá-la; 3) Ouvindo-a, Riobaldo sentia vontade de brincar com aqueles versos que prenunciavam a sua história; 4) Riobaldo comentava que os versos da canção o ajudavam a “esquecer” a parte ruim da vida, a das necessidades: “as bestas coisas em que a gente no fazer e no nem pensar vive preso, só por precisão, mas sem fidalguia” (ROSA, 2001, p. 260); 5) Apenas Riobaldo achava belos os versos de Siruiz.

A constante relação de Riobaldo com o poema de Siruiz abriu espaço para uma interessante discussão acerca do papel desempenhado pela canção dentro de GS:V. Para Pereira (2008), por exemplo, a canção resume o próprio livro, adianta os acontecimentos e condensa seus temas principais. A opinião de Roncari (2001) não é muito diferente. Segundo o estudioso, a canção também resume o próprio livro e a vida de Riobaldo, além de consistir em uma predição de sua biografia; mas, Roncari (2001) acrescenta que os temas da canção são a narrativa da vida do herói e a narrativa de sua humana condição.

---

<sup>12</sup> Uma ideia expressa por uma frase que serve de guia ou de motivação a alguém.

Segundo Pereira (2008), Davi Arrigucci Jr. foi um dos primeiros que observaram a importância dessa canção. Para Arrigucci (1994), a canção é híbrida (pois mistura narração épica e lirismo) e desvenda o destino de Riobaldo, de forma cifrada e enigmática. Para Pereira (2008), o romance inteiro seria uma tentativa de esclarecer o enigma contido na canção. Nossa posição ressalta o poder que a canção possui de profetizar não só a vida, mas os sentimentos e a visão de mundo de Riobaldo. A melancolia (expressa pelos sons e ritmos, especialmente os frouxos), assim como a impotência de Riobaldo com relação ao destino de sua vida e de seu amor são os sentimentos antevistos e resumidos pela canção de Siruiz. Há maior ênfase no lirismo e na subjetividade do que na narração de um enredo propriamente dito, tanto no poema quanto no romance. Não à toa, *GS:V* foi escrito em primeira pessoa. É sobre o lirismo que deve recair a maior parte da atenção quando se trata do poema do jagunço Siruiz. Se há nele uma narração, ela consiste em uma narração de uma estória **interior**, uma estória **de sertão**: “Sertão: é dentro da gente” (ROSA, 2001, p. 325). É um **grande sertão**. Não se trata apenas da busca das origens do homem, de sua natureza e do sentido da vida, mas dos sentimentos daquele que se depara com uma vida que escapa a seu controle e entendimento; uma vida em que o homem se sente pequeno, confuso e deslocado ante as muitas forças, exteriores e interiores, que sobre ele atuam. Trata-se do confronto do homem com a linguagem cifrada da vida. Contraditoriamente, a canção de Siruiz, estúrdia e enigmática, não deve ser desvendada. Ela é sua própria resposta: a profecia de que a vida exterior e interior de Riobaldo será incontrolavelmente estúrdia, enigmática e confusa. E de que Riobaldo, fraco (frouxo) e dissonante como os versos da canção de Siruiz, não terá qualquer **poder** para mudar isso.

Este trabalho procurou analisar as células rítmicas da canção de Siruiz, determinar a existência de uma relação entre o ritmo e as imagens do poema e avaliar a presença de algum sentido rítmico que complementasse o sentido dessas imagens poéticas. De acordo com o confirmado pela correspondência entre as sugestões rítmicas e as imagens e os sons do poema, o ritmo da canção de Siruiz apresenta informações importantes que correspondem satisfatoriamente ao sentido expresso pelas imagens e pela sonoridade do poema e, mesmo, amplia esse sentido. Tal expansão de sentidos pode contribuir para uma mais aprofundada interpretação desse importante poema presente em **Grande Sertão: Veredas** e,

espera-se, para o esclarecimento de alguns dos significados “cifrados” presentes em uma obra tão enigmática quanto o destino de seu personagem principal: um rio baldo.

## Referências

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.

MARTINS, N. S. **Introdução à estilística**: A expressividade na língua portuguesa. São Paulo: Edusp, 1989.

PEREIRA, P. P. G. Sertão e Narração: Guimarães Rosa, Glauber Rocha e seus desenredos. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 51-87, jan./abr. 2008.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

———. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RONCARI, L. **A Canção de Siruiz/Ziruis**. Disponível em: [www.ichs.ufop.br/semanadeletras/viii/arquivos/cfmr/roncari.doc](http://www.ichs.ufop.br/semanadeletras/viii/arquivos/cfmr/roncari.doc). Acesso em 15 Out. 2010